

LEITURA BÍBLICA LATINO-AMERICANA: Uma aproximação metodológica

**Doutor em Ciências da Religião, professor da Sagrada Escritura no ITESP, editor da revista eletrônica Ensaio Bíblicos.*

1 Carlos Mesters já nos alertava nos anos oitenta para *esta nova teologia bíblica que está surgindo como fruto de uma leitura popular da Bíblia, especialmente nas comunidades eclesiais de base*. Veja-se L. BOFF — L. GARMUS, Editorial. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1984, 1, p. 5; Pablo Richard, por sua vez, afirmava que *os pobres são o autor humano da Bíblia e têm, em última instância, a chave de sua interpretação. Eles devem, portanto, apropriar-se da Bíblia e lê-la a partir de sua própria história e lutas de libertação para serem evangelizados e podem evangelizar*. Cf. P. RICHARD, *Bíblia: memória histórica dos pobres*. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1984, 1, p. 20.

2 Veja a bibliografia quanto à nova metodologia em nota no final do texto.

3 Veja número temático da *REVISTA DE INTERPRETACIÓN BÍBLICA LATINOAMERICANA*, 2000, 1; veja também número temático da revista *Estudos Bíblicos*, 1984, 2.

Daniel Godoy*

Resumo:

O a. a partir de uma série de autores busca apresentar as linhas mestras mais importantes de uma metodologia de 'leitura' da Bíblia a partir da América Latina. Neste sentido, o ponto focal é o 'lugar do pobre' de onde parte a leitura e a partir do qual se assume o desafio de interpretar a vida; a realidade onde está o leitor é a chave da mensagem do texto. Além disto, o a. busca relacionar a leitura da Bíblia com o momento histórico por que passa a América Latina, e com isto avizinha-a da teologia da libertação. A conclusão disto tudo é que a Bíblia passou a ser, apesar de tudo, um livro do povo e geradora de comunidades leitoras, mas nem por isso dispensa estudos sólidos embasados em abordagens consistentes.

Chaves:

Bíblia: metodologia; Bíblia: leitura popular; Bíblia: abordagem latinoamericana; Estudos bíblicos: métodos.

INTRODUÇÃO

A leitura bíblica latino-americana,¹ tem trazido uma nova proposta metodológica² para ler a Bíblia. É uma proposta que leva em consideração o contexto social, o chão onde as igrejas lêem a Bíblia e arriscam novos paradigmas.³ É a leitura que procura relacionar a Bíblia com a realidade de vida da comunidade. É uma maneira de interpretar o texto que aceita e reconhece a contribuição dos sujeitos sociais que trazem para a

leitura bíblica suas experiências de vida, seus desejos, suas expectativas, seus sonhos e suas esperanças. Trazem suas utopias por um mundo melhor, por uma vida nova. Trazem suas convicções de fé, e acreditam em um Deus libertador que se faz presente quando o próprio texto, enfim libertado, é lido a partir da experiência dos pobres. Os pobres levam consigo, para dentro da Bíblia, os problemas de sua vida. Lêem a Bíblia a partir de sua luta e a partir de sua realidade. Por isso, no espelho da Bíblia, eles encontram o reflexo do que vivem.⁴ Isto faz com que criem uma certa familiaridade com a Bíblia. Há busca pelo conhecimento bíblico, pela tradição libertária do Deus de Jesus. É uma leitura que, sem renunciar às exigências metodológicas, consegue interagir com a realidade do pobre e trazer como um elemento importante, e muito significativo, as emoções que enriquecem o texto e o confrontam com a realidade latino-americana, grávida de vida, emoções e religiões.

O pobre lê a Bíblia não como um simples texto, mas fundamentalmente com o propósito de discernir a presença e a revelação de Deus no mundo. Não é uma leitura simplesmente teórica nem uma busca de idéias. A Bíblia não é laboratório nem celeiro de teses, antíteses e sínteses. É livro que mora no meio da comunidade, caminho junto às ruas, estradas e rotas por onde passa o povo.

No contexto de crise do nosso continente, a leitura da Bíblia se complementa com projetos de vida, de libertação. Os pobres lêem a Bíblia não como uma história do passado, mas sobretudo como um espelho da história que acontece hoje em sua própria vida. Esta proposta de leitura, a partir do lugar do pobre, tem o desafio de interpretar a vida com a ajuda da Bíblia, e não o contrário. Esta leitura está vinculada à busca pela justiça, pela libertação, pela vida plena. Está comprometida com mudanças de estilos e sistemas de vida. Em muitos casos, a Bíblia tem-se convertido em alimento principal das comunidades e de grupos cristãos que se reúnem em torno da palavra do Senhor.

AMÉRICA-LATINA: CHÃO DE VIDA

Na América Latina, após décadas, ergue-se uma nova forma de ler e interpretar a Bíblia. É uma metodologia que associa leitura e método como sinônimos, já que, juntos conseguem interpretar o texto bíblico.⁵ Esta interpretação é feita levando em consideração o dado sociológico da realidade onde está localizado o sujeito que lê e interpreta o texto, para que, a partir dele, se possa iluminar a realidade. Esta atitude de vida reflete uma situação generalizada de opressão, exploração e pauperização endêmica. Esta realidade é o grande chão da iniciativa de

4 Cf. CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS, *Mutirão da Bíblia: Visão geral do Antigo Testamento*. São Leopoldo, Sinodal, 1995, 9, p. 9 (Geral 42).

5 Hans de Wit oferece interessante resumo da leitura popular da Bíblia na sua tese doutoral, analisando as contribuições de três exegetas latino-americanos: J. S. Croatto, C. Mesters e M. Schwantes. A pergunta que norteia a sua pesquisa é: Pode a leitura popular da Bíblia ser diretiva para a exegese e seus métodos? Cf. H. de Wit, *Leerlingen van de Armen — Een onderzoek naar de betekenis van de Latijnsamerikaanse volkse lezing van de bijbel in de hermeneutische ontwerpen en exegetische praktijk van C. Mesters, José Severino Croatto en Milton Schwantes*. Amsterdam, VU Uitgereij, 1991, pp. 375-383.

leitura bíblica latino-americana. Esta leitura bíblica, sem se distanciar dos velhos métodos exegéticos ou renunciar a eles, abre o texto para acompanhar a sorte dos pobres e oprimidos de nosso continente. É uma leitura que pode ser denominada como leitura bíblica comprometida, que se solidariza e acompanha as tentativas de reconstruir sociedades diferenciadas que se baseiam nos valores da justiça e do direito. Eis aqui o eixo central desta leitura bíblica: o oprimido é quem dá sentido e motiva o interesse de ler, interpretar e se apropriar da Bíblia. É uma leitura localizada e comprometida social, política e religiosamente.

Esta metodologia colocou no centro o texto bíblico, iluminando-o com o seu contexto e com a realidade do novo leitor. Referindo-se a esta leitura da Bíblia em nosso continente, Milton Schwantes afirma:

Na América Latina, a Bíblia se manifesta como memória inquietadora. Sua reserva de sentido está sendo recriada pelos oprimidos, desde o reverso da história, como denúncia conscientizadora da opressão e anúncio animador da libertação. A inquietude que aflora através de tal reminiscência não esgota em um novo sentido, mas, basicamente, se compõe de um novo sujeito histórico: os oprimidos em processo de organização. Por não se restringir ao nível das significações, esta nova perspectiva vem irritando a uns e fazendo trilhar caminhos inusitados a outros.⁶

Esta leitura da Bíblia caminha junto com as igrejas desde as décadas obscuras e militarizadas do nosso continente.⁷ Caminha junto com os pobres,⁸ genericamente falando, e acompanha suas lutas por condições de vida segundo a vontade de Deus. Não é leitura neutra! É uma leitura localizada, comprometida com a sorte dos pobres, dos marginalizados e dos discriminados pelas igrejas e pelo sistema social. É a leitura da Bíblia a partir dos pobres e oprimidos que ganha espaço e conquista o seu lugar como leitura possível no intrincado mundo acadêmico, e se firma como alternativa real na prática da leitura bíblica das igrejas.

Segundo Pablo Richard, *a Bíblia se tornou, nas mãos do povo, um instrumento de luta e libertação, sobretudo um instrumento de libertação das consciências, ligado à ação evangelizadora das igrejas.*⁹

O chão onde surge esta leitura deve-se a uma proposta esgotada e incapaz de responder aos anseios dos novos sujeitos sociais que têm se aproximado da Bíblia para reler a mensagem salvífica.

A exegese científica já não tem a mesma coragem que teve na primeira metade deste século [XX], quando criticou, com ótimos resultados, o uso demasiadamente dogmático da Bíblia dentro da igreja. Hoje ela não tem mais a mesma cora-

6 Cf. M. SCHWANTES, Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1984, 1, pp. 31-49.

7 Estamos nos referimos, com esta expressão, à implantação dos regimes militares que se estabeleceram no nosso continente a partir do ano 1964 e que até os anos 80 tinham-se espalhado por quase todos os países latino-americanos.

8 Cf. P. RICHARD, Bíblia: memória histórica dos pobres. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1984, 1, p. 20.

9 Idem, p. 20.

*gem para perceber e criticar o uso demasiadamente ideológico da Bíblia, tanto dentro da igreja como fora dela.*¹⁰

10 Cf. C. MESTERS, Como se faz teologia bíblica hoje no Brasil. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1984, 1 p. 8.

Esta leitura acompanha a Teologia da Libertação, mas também vem fazendo seu próprio caminho, seu próprio processo, sua própria busca, vem construindo sua própria espiritualidade.

Esta espiritualidade quer estar comprometida com a sorte dos pobres e oprimidos de nosso continente e ter uma abertura para caminhar não só com os iguais, religiosamente ou socialmente, mas também com aqueles/as que tradicionalmente estiveram separados/as por questões religiosas. Hoje, esses setores caminham juntos, lêem e estudam a Bíblia, encontram-se como irmãos e irmãs e, deste encontro, nasce uma força que os desafia a procurar melhores condições de vida. É a riqueza da nova espiritualidade latino-americana, impregnada por uma prática ecumênica que é capaz de superar mais de um século de exclusões e acusações mútuas. É a leitura da Bíblia para a vida abundante!

Com está espalhada pelo nosso continente, a Bíblia já não é mais um livro distante e técnico. A Bíblia é agora um livro próximo, que fala da vida dos pobres, do povo, das comunidades, da igreja. Carlos Mesters afirma que esta leitura *vem do povo que retomou a Bíblia em suas mãos e começou a ler a Palavra de Deus, partindo dos problemas da sua vida e da sua luta.*¹¹ A Bíblia fala da diversidade cultural, religiosa, étnica, como também da leitura negra, feminista, camponesa. É um livro que espelha os rostos múltiplos da humanidade marcados pela violência de sistemas impostos e, hoje, rostos quebrados, frutos da pós-modernidade. São rostos marcados pelo peso da história e pela opressão dos fortes e poderosos de todos os tempos. Nesses rostos vislumbram-se as múltiplas formas de opressão, injustiças sociais, religiosas e econômicas. Para esses rostos, a Bíblia é o livro da esperança. É o livro dos pobres, é o nosso livro!

11 Idem, p. 9.

*A Bíblia é vista como o livro da comunidade. Mesmo fazendo leitura individual, os pobres sabem que estão lendo o 'livro da comunidade'. Reaparece aqui, de maneira nova, o 'sensus ecclesiae'. Nas reuniões do povo, onde a palavra humana pode circular com liberdade entre os membros da comunidade, aí a palavra de Deus produz liberdade e se estabelece um 'sensus ecclesiae', um sentido comum que a comunidade descobre e assume. Em muitos lugares, desclericalizou-se o uso da Bíblia. O povo dela se reapropriou como sendo o 'nosso livro', escrito para nós, no dizer de São Paulo.*¹²

12 Idem, p. 10.

Entender e assumir a Bíblia como o livro dos pobres é uma descoberta que as igrejas têm feito, principalmente, pela prática de retomar e recuperar a leitura e o estudo da literatura profética. E não somente desta leitura, mas da leitura e da apro-

13 Idem, p. 8.

14 Cf. C. MESTERS, *Os dez mandamentos: Ferramenta da comunidade*. São Paulo, Paulinas, 1986.

15 J. PIXLEY, *Êxodo, una lectura evangélica y popular*. México, Casa Unida de Publicaciones, 1983; J. BORTOLINI, *Como ler o livro do Êxodo*. São Paulo, Paulinas, 1990; A. F. ANDERSON — G. GORGULHO, *Êxodo 1-15 a formação do povo*. São Paulo, CEPE, 1992; C. MESTERS, *Libro de la alianza: Êxodo 19-24*. México, Palabra, 1989.

16 C. MESTERS, *A família de Sara e Abraão: Texto e contexto de Gênesis 12-25*. Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1986.

17 Cf. P. RICHARD, *Leitura popular da Bíblia na América Latina: Hermenêutica da libertação*. Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, 1988, 1, p. 23.

18 Cf. E. CHARPENTIER, *Para ler o Antigo Testamento: Orientação inicial para entender o Antigo Testamento*. São Paulo, Paulinas, 1986, pp. 99-117 (encontra-se nestas páginas um breve resumo da produção literária da época).

19 Cf. M. SCHWANTES, *Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco*. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1984, 1, p. 33.

priação da Bíblia toda! Nessa descoberta a literatura profética tem contribuído de forma exemplar nos últimos anos, cunhando inclusive a expressão eclesiológica de ‘uma igreja profética’. O mesmo Carlos Mesters afirma: *Esta leitura popular da Bíblia é a grande novidade que o Espírito está suscitando entre nós e que nunca houve antes. Ela é fruto de uma série de convergências*.¹³

Dentre os livros relidos pelas igrejas nessa caminhada, destaque especial tem sido dado ao livro do Êxodo, principalmente na questão dos dez mandamentos ou da saída para a liberdade.¹⁴ É o caminho do novo êxodo.¹⁵ É o chamado êxodo latino-americano. Também tem recebido destaque o livro de Gênesis,¹⁶ especialmente os capítulos 1-11, como protótipo da recriação da humanidade e do projeto de Javé. Daí passa-se ao estudo dos profetas. Entre eles, especial destaque para Isaías, Miquéias, Jeremias, Amós, Ezequiel e, em grau bem menor, para o livro de Joel. Pablo Richard amplia esta lista acrescentando:

O povo da América Latina está resgatando o livro do Êxodo, dos profetas, o livro de Jó, os Salmos, os Evangelhos, o Apocalipse. Todos estes livros foram resgatados e transformados pela prática da leitura popular da Bíblia.¹⁷

A maior parte da produção literária acima mencionada está localizada, cronologicamente, entre o exílio e o pós-exílio babilônico, entre a profecia e a apocalíptica. Alguns desses escritos são anteriores à reconstrução do templo levada adiante por Esdras e Neemias, outros escritos são posteriores. O livro de Joel, por exemplo, é posterior à reconstrução do templo e abrange o período do pós-exílio.¹⁸

UMA METODOLOGIA ABERTA!

A leitura da Bíblia na América Latina incorpora uma metodologia ampla, inclusiva e ecumênica. Milton Schwantes afirma: *Para facilitar a interpretação de textos bíblicos como fenômenos literários, existe toda uma gama de materiais auxiliares. Recorre-se ao texto original — hebraico, grego, aramaico — às regras gramaticais destas línguas, ao sentido exato das palavras, às formas e estruturas de linguagem detectáveis no texto*.¹⁹

A leitura bíblica latino-americana é a que vem sendo feita nas igrejas há alguns anos, é leitura ecumênica, que facilita a aproximação das religiões e dos religiosos. Pedro Triana Fernández afirma:

Con todo este trasfondo, se levanta en América Latina una nueva forma de leer e interpretar la Biblia, que se define a sí misma como lectura y no como método, pues su interés central no es sólo interpretar la Biblia, sino vincularla con

*la realidad del pobre, oprimido y explotado. La nueva lectura se plantea el problema de cómo establecer la relación entre el proceso liberador latinoamericano con el imperativo bíblico de liberación.*²⁰

Esta prática, acreditamos facilita, valoriza e enriquece a prática da leitura bíblica, reorienta-a e a legitima como leitura que está de acordo com o momento atual, quer dizer, está contextualizada.

*Esta novidade não vem dos exegetas, formados na escola oficial. Vem de outro canto. Vem do chão, onde a semente da palavra foi lançada. Vem do povo que retomou a Bíblia em suas mãos e começou a ler a palavra de Deus, partindo dos problemas de sua vida e da sua luta. Esta leitura popular da Bíblia é a grande novidade que o Espírito está suscitando entre nós e que nunca houve antes.*²¹

Esta dimensão está presente e é possível descobri-la na maioria dos autores latino-americanos que temos mencionado. É no uso desta metodologia que *o povo se apropria desses métodos a partir de sua própria experiência espiritual — raiz e horizonte do processo hermenêutico — e a partir de sua experiência acumulada de leitura popular da Bíblia.*²²

Nesta busca levamos em consideração a contribuição do método histórico-crítico associado a uma leitura sociológica. O texto bíblico é estudado como produto literário, sem esquecer as possíveis etapas que enfrentou para se firmar como literatura bíblica canônica. Seguimos, nesta intenção, a proposta de José Severino Croatto quando afirma:

Os métodos exegéticos formulados pela moderna crítica bíblica abriram novas perspectivas de abordar a Bíblia, na medida em que, ao redescobrirem o horizonte histórico e cultural no qual a Bíblia se originou, possibilitam uma melhor contextualização do sentido original de cada passagem. A exegese crítica rompeu, em primeiro lugar, com as leituras ingênuas, ‘historicistas’ e concordistas da Bíblia, as quais, conforme assinalamos no parágrafo anterior, despistam o sentido real do texto... A crítica literária, a crítica das formas e dos gêneros, ou códigos literários, das tradições — orais e literárias —, da redação, revolucionou os estudos bíblicos nas últimas décadas, sanando muitos defeitos da teologia cristã e, de forma indireta, gerando uma renovação em todos os campos da atividade teológica.²³

Esta proposta de trabalho dialoga com os métodos exegéticos formulados pela moderna crítica, como vimos a partir da proposta de José Severino Croatto. Mais especificamente, caminha entre o método histórico-crítico e a leitura sociológica.²⁴ Para este propósito, levamos em consideração a proposta por Norman K. Gottwald, e complementada por Gerd Theissen,²⁵ sobre a leitura da Bíblia a partir do método sociológico.

20 P. TRIANA FERNÁNDEZ, *Caminar hacia la esperanza: Una lectura de Joel 3,1-5*, p.15 (Dissertação de mestrado no Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo).

21 Cf. C. MESTERS, *Como se faz teologia bíblica hoje no Brasil*, op. cit., p. 8-9.

22 Cf. P. RICHARD, *Leitura popular da Bíblia na América Latina*, op. cit., p. 23-24.

23 Cf. J. S. CROATTO, *Hermenêutica bíblica*. São Paulo/Petrópolis, Paulinas/Vozes, 1986, p. 13. Para detalhes de como a Bíblia tem sido objeto de diferentes abordagens, objetivando explorar seu sentido e sua mensagem. Cf. Idem, pp. 112-113.

24 Não é possível determinar uma única leitura sociológica. A *leitura sociológica não pretende ser a única válida e possível. Ela é complementar a outras abordagens, das quais, muitas vezes, constitui o primeiro passo*. Cf. A. J. da SILVA, *Leitura sociológica da Bíblia*. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1991, pp. 74.

25 São três as abordagens apresentadas por este autor para extrair dados sociológicos de textos religiosos: construtiva, analítica e comparativa. Cf. G. THEISSEN, *Sociologia da cristandade primitiva*. São Leopoldo, Sinodal, 1987, p. 9.

Norman K. Gottwald, referindo-se à leitura da Bíblia feita na América Latina e que parte das condições reais de vida, afirma: *O método histórico e o sociológico são métodos diferentes, mas compatíveis entre si para reconstituir a vida e o pensamento do antigo Israel. O estudo histórico visa perceber a seqüência das articulações entre a experiência de Israel e a rica variedade de suas produções culturais, especialmente sua literatura e religião. O estudo sociológico visa conhecer os modelos típicos das relações humanas em sua estrutura e função num dado momento ou fase — sincronia — como nas trajetórias de suas mutações em determinados períodos de tempo — diacronia.*²⁶

26 Cf. N. K. GOTTWALD, O método sociológico no estudo do Antigo Israel. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1987, 7, p. 42.

Esta leitura bíblica permite que nos aproximemos do texto bíblico com uma outra mentalidade, considerando a experiência e a situação social de nosso povo. Aprofundando a riqueza da relação entre os métodos citados, Gottwald não apenas apresenta as diferenças entre um e outro como também aponta o sentido de complementação que isto traz à leitura da Bíblia. Afirma:

*O método histórico abarca todos os métodos de pesquisa derivados das ciências do homem — por exemplo: crítica literária, crítica das formas, história da tradição, crítica retórica, crítica redacional, história, história da religião, teologia bíblica. O método sociológico inclui todos os métodos de pesquisa próprios das ciências sociais — por exemplo: antropologia, sociologia, ciência política, economia. O método sociológico de coletar dados e elaborar teorias e interpretar a vida e o pensamento israelita de diferentes ângulos e com instrumentos e hipóteses diferentes daqueles que nos são familiares pelo método histórico. A pesquisa sociológica identifica as pessoas como atores e representantes sociais que desempenham um papel de acordo com normas conexas e dentro de determinadas fronteiras ou limites.*²⁷

27 Idem, p. 42.

28 Segundo A. J. da SILVA, *a leitura sociológica da Bíblia se relaciona especialmente com os Métodos Histórico-Críticos e com a Leitura Popular na medida em que toda abordagem sociológica de um texto histórico é também uma abordagem histórica. A leitura sociológica tem colaborado, complementando e corrigindo, a leitura histórico-crítica.* Cf. A. J. da SILVA, *Leitura sociológica da Bíblia*, op. cit., p. 81.

Esta opinião de Gottwald reflete a riqueza que nosso continente tem descoberto na leitura da Bíblia. Podemos afirmar que não há uma ruptura com os métodos exegéticos tradicionais, senão tem-se experimentado uma ampliação do arco hermenêutico e um deslocamento dos sujeitos e setores envolvidos na apropriação e leitura da Bíblia. Trazendo assim novas metodologias, novas perguntas, novos sujeitos e novas respostas ao leitor/ator que lê a Bíblia.

SEMEANDO SENDEIROS COMUNITÁRIOS

Esta metodologia trabalha com a diversidade de ferramentas e alternativas que oferece o método histórico-crítico em diálogo com a leitura sociológica²⁸, usada para a leitura e inter-

pretação dos textos bíblicos, ainda que com menor ênfase. Esta metodologia de trabalho, valoriza a experiência do trabalho bíblico feito nas comunidades.

Quando falamos das ferramentas dos estudos sócio-históricos, estamos nos referindo àquelas que nos aproximam do texto como ele está na sua versão original, para, em seguida, realizar o processo hermenêutico proposto.

A exegese bíblica tem aprofundado uma metodologia própria, mas quando os textos bíblicos são relidos na América Latina pelos novos leitores, temos que procurar uma metodologia mais explícita, nascida ou alimentada no contexto histórico. Aqui é importante considerar tanto as contribuições dos métodos anteriormente mencionados e brevemente descritos, como as contribuições reconhecidas no meio acadêmico e aqueles que surgem no cotidiano da vida comunitária.

Esta leitura bíblica tem duas perspectivas, uma acadêmica e outra vivencial/comunitária. Leva também em consideração a situação atual do nosso povo que caminha, conforme as palavras do evangelista, como um povo que não tem pastor. Caminha entre uma eleição e outra, entre uma guerra e outra, entre o dia e a noite, entre a vida e a morte. Caminha em uma terra onde manam sangue e fogo, no meio das colunas de fumaça. Caminha quando a lua converte-se em sangue, e o sol não ilumina mais. Por isso, o povo caminha à espera de dias melhores. Caminha à espera do cumprimento do derramamento do Espírito do Senhor, como nos tempos de Joel, ou nos tempos do Pentecostes e nessa mesma expectativa, nos temos de hoje.

O povo Latino-americano caminha para descobrir os sinais de vida e vida abundantemente... porque acredita na vitória sobre a segunda morte, como promete e fala o Apocalipse.

NOTA

Bibliografia que dá conta da *nova metodologia* nos estudos da Bíblia:

Livros

ANDERSON, A. F. — G. GORGULHO, *Êxodo 1-15 a formação do povo*. São Paulo, CEPE, 1992.

BERGANT D. — R. J. KARRIS, *Comentário Bíblico*. Profetas posteriores. Escritos e Livros deuteronomícos. São Paulo, Loyola, 1999, v. 2.

BORTOLINI, J., *Como ler o livro do Êxodo*. São Paulo, Paulinas, 1990.

- CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS, *Mutirão da Bíblia*. Visão geral do Antigo Testamento. São Leopoldo, CEBI, 1985.
- CHAMPENTIER, E., *Para ler o Antigo Testamento*. Orientação inicial para entender o Antigo Testamento. São Paulo, Paulinas, 1986.
- CLÉVÉNOT, M., *Lectura materialista de la Biblia*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1978.
- COMBLIN, J., *Introdução geral ao comentário bíblico. Leitura da Bíblia na perspectiva dos pobres*. Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1985.
- CROATTO, J. S., *Hermenêutica bíblica*. São Paulo/Petrópolis, Paulinas/Vozes, 1986.
- GOTTWALD, N. K., *As tribos de Jahvéh*. Uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050. São Paulo, Paulinas, 1986.
- GOTTWALD, N. K., *Introdução sócio-literária à Bíblia hebraica*. São Paulo, Paulus, 1988.
- MESTERS, C., *A família de Sara e Abraão*. Texto e Contexto de Gênesis 12-25. Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1986.
- MESTERS, C., *Flor sem defesa*. Uma explicação da Bíblia a partir do povo. Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1983.
- MESTERS, C., *Libro de la alianza: Éxodo 19-24*. México, Ediciones Palabra, 1989.
- MESTERS, C., *Os dez mandamentos*. Ferramenta da Comunidade. São Paulo, Paulinas, 1986.
- PIXLEY, J., *Historia sagrada, historia popular*. Historia de Israel desde los pobres 1200 a. C. A 135 d. C. Managua/San José, Centro Intereclesial de Estudios Teológicos y Sociales/Departamento Ecuménico de Investigaciones, 1989.
- PIXLEY, J., *Éxodo, una lectura evangélica y popular*. México, Casa Unida de Publicaciones, 1983.
- THEISSEN, G., *Sociologia da Cristandade primitiva*. São Leopoldo, Sinodal, 1987.
- TRIANA FERNÁNDEZ, P., *Caminar hacia la esperanza*. Una lectura de Joel 3,1-5. São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior, 1994. (Dissertação de mestrado)
- WEGNER, U., *A leitura bíblica por meio do método sociológico*. São Paulo, Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1993.
- WIT, H. DE, *Leerlinger van de Armen*. Een onderzoek naar de betekenis van de Latijnsamerikaanse volkse lezing van de bijbel in de hermeneutische ontwerpen en exegetische praktijk van C. Mesters, J. S. Croatto en M. Schwantes. Amsterdam, VU Uitgeverij, 1991.

Artigos

- ANDIÑACH, P. R., Joel: la justicia definitiva. Em *REVISTA DE INTERPRETACIÓN BÍBLICA LATINOAMERICANA*, 2000, 35/36, p. 148-152.
- ANTONIAZZI, A., A Bíblia recolocada na história onde nasceu. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1984, 1, p. 50-66.
- GORGULHO G. — A. F. ANDERSON, A leitura sociológica da Bíblia. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1984, 2, p. 6-10.
- GOTTWALD, N. K., O método sociológico no estudo do antigo Israel. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1987, 7, p. 42-55.
- MESTERS, C., A Bíblia lê a Bíblia. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1991, 33, p. 39-45.
- MESTERS, C., Como se faz teologia bíblica hoje no Brasil?. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1984, 1, p. 7-19.
- RICHARD, P., Bíblia: memória histórica dos pobres. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1984, 1, p. 20-30.
- RICHARD, P., Leitura popular da Bíblia na América Latina. Hermenêutica da Libertação. Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, 1988, 1, p. 30-48.
- SCHWANTES, M., Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1984, 1, p. 31-49.
- SILVA, A. J. da, Leitura sociológica da Bíblia. Em *ESTUDOS BÍBLICOS*, 1991, 32, p. 74-84.